

POEMAS

POEMS

Cristiano Alves Barros¹

NA-MORADA ALU[G]ADA

Um quartinho dentro de você
Alugando meus sentimentos
Na-morada de mim fora d'eu
Hospedo-me em cada abraço
É lá a casa que caso por acaso
Fico habitante pelos interiores
Anteriores ao passado nômade
De morar em peitos cubículos
Pois a carne sabe ser espelunca
Atraindo andarilhos de amores
Na sarjeta que é viver no outro.

¹ Graduado em Letras e mestrando pelo Programa de Mestrado em Estudos de Cultura e Território (PPGCult), ambos pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Poeta, publica regularmente em seu *blog* <http://me-estranha-se.blogspot.com.br/> e em sua página no Facebook, <https://www.facebook.com/me.estranha.se>
E-mail: mr.chris182@hotmail.com

NORTEAMENTO

Quando digo que sou
Um poeta tocaninense
A maioria dos leitores
Indagam sobre o que é
Ser de fato um nativo,
De uma terra tão nova
Que ainda - se escreve
Em letras ensolaradas
Ou entre rios caldosos,
Logo, minha localidade
Está longe de ser daqui
Onde tal miscigenação
Sugere ser só um verso
De quem adentra a oca
E grita o eco mais oco:
Um *Co yvy ore retama*
Que é de índio e vândio.

PARECE ARAGUAÍNA, MAS É SÓ TRISTEZA...

Se existir um poema tão araguainense
Adornado com as flores do pequizeiro
Não há outro rumo para a rua do amor,
São as mesmas pedras que apedrejam
Um tal caminho de quem não regressa.

É como se a madrugada fosse indecisa
Em ser então só dia e por fim ser noite.
Pois, se o mundo cabe então numa rua
Por que o que pinga esbarra nos olhos?
Ou, se toda alma fosse então andarilha?

Poetar é fácil quando se tem um vazio
De algo já cheio que nem parece fome,
Comer está muito além do que é carne
Mesmo sob o suor do corpo escaldado
De alguém que até divide o chambaril.

A CÔNEGO EM VERSO

Semáforo dos olhos
Vejo num retrovisor
Um asfalto em verso,
Entre calçadas e pés
Caminho cada passo
Até chegar em mim.
Sob nós - a quentura
Alternando bloquetes,
Sobre nós - tão nada
Quase berrante de si.
Araguaína é o que sou
O meu poema moreno
Lido no suor do vento
Que leva outra chuva
Para perto da Cônego.

VERSUS

Poema em conflito: vs.(versus)

Poema ao contrário: in(verso)

Poema não apreciável: a(verso)

Poema de oposição: ad(verso)

Poema sendo mau: per(verso)

Poema duvidoso: contro(verso)

Poema obliquado: trans(verso)

Poema entre ambos: con(verso)

Poema no seu plural: di(verso)

Poema em um todo: uni(verso).

BOÊMINKHA

Bêbado, eu te beijo
Vomito outro amor
Ontem ressaqueado
E hoje, entorpecido.

Os versos gaguejam
N'outro bafo de voz
Meu ser, desmaiado
Já coberto pelo chão.

Cambaleio até você
Tropeço na tua boca
E me embriago mais
Nesses dois gargalos
Meu e seu, bebemos.

CONTRA O C – CONTRA O D

Nem todo poeta sabe
Nem todo verso cabe
Numa vida despedida
Numa morte nascida
Ou sou tudo que sai
Ou sei tudo que atrai
Tanto a cor de sumir
Tanto a dor de reunir
Essa frescura mais fã
Essa loucura mais sã
De-ver até nos olhos
De-ter até nós velhos
Na luta dentre forças
Na puta entre moças
Afim de amar outros
Enfim de amor atroz.

OXENTE BICHIM SE ORIENTE NO VERSO!

Mais que poeminha biesta sô
Parece até um currá de verso!
Que empanzina as alma toda
E alumia o breu dentro di nós.
Não é qui o cabra senti mermo!
Faz as rima à foice de lapiseira
E ainda proseia sobre o mundo
Ao suntar as labuta dos outro.
Mas diga lá cumpadi poeteiro:
Qual palavriado mais chicoso
Que há de existir num papér?
Inté gosto de oiá essas letrinha
Mais grande que quarqué amor
Escrita por vossa senhoria, visse?
Eita que a vida poderia ser mió
Como nos causo de boca e orêia
Que de tão baum iocê os escreve
Para um tár de leitor abetaiado
Que lê tanta lorota e vira tadim.